

Acordo difícil com

É O QUE PREVÊ MARCÍLIO, APÓS AS PRIMEIRAS CONVERSAS

O Brasil está preparado para enfrentar dificuldades nas negociações com o Clube de Paris quando deverá reescalonar sua dívida externa com os credores públicos. O próprio ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, prevê que "essa não será uma negociação fácil", após ter mantido encontros com o ministro da Economia francês, Pierre Bèregovoy, e com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet. A proposta brasileira será oficializada no próximo dia 14. Marcílio não quer revelar seus principais pontos, em consideração aos credores britânicos e alemães, com quem se reunirá hoje e amanhã.

Os credores do Clube já haviam feito reclamações quando da passagem por Paris do presidente do Banco Central, Francisco Gros. Eles protestaram contra o tratamento discriminatório do governo brasileiro, privilegiando os credores comerciais em detrimento dos públicos. Por isso, o ministro Marcílio disse que seu objetivo agora "é manter uma simetria de tratamento entre os setores privado e público". Ele já havia dito isso ao presidente do Clube de Paris, com quem se avistou em Davos, na Suíça, e ao presidente do Banco da França, Jacques de Larosière, em seu último encontro na tarde de ontem em Paris.

O ministro procurou explicar o pagamento de 30% sobre os juros aos bancos comerciais di-

zendo que são taxas bem mais baixas. Ele está convencido de que seus interlocutores entenderam a posição brasileira. Marcílio deixou Paris satisfeito com o resultado de suas conversas e com as reações positivas de seus interlocutores — as autoridades monetárias francesas —, acreditando não apenas no seu apoio, mas também na promessa de que elas vão agir junto a outros parceiros mais reticentes.

O Brasil vai apresentar-se diante de seus credores, representado, segundo Marcílio, muito provavelmente por Francisco Gros, mas também pelo negociador da dívida, Pedro Malan, e o diretor da área externa do BC, Arminio Fraga, com uma postura

muito mais pragmática. Mesmo não revelando detalhes da proposta, Marcílio diz que o Brasil reivindica taxas de juros mais baixas e prazos mais longos, entre 18 e 20 anos. Mas não existe nenhuma proposta de desconto do débito, como foi o caso da Polônia que obteve uma redução de 50% de sua dívida pública. "É claro que com prazos de 18 a 20 anos, o valor real da dívida será reduzido de fato em relação a seu valor atual." A meta, disse, é a redução do serviço da dívida através do reescalonamento dos juros e do principal.

Tão logo o Brasil conclua suas negociações com o Clube de Paris, as linhas de créditos de exportação em direção ao Brasil poderão ser restabelecidas.

Real Jr., de Paris



Marcílio quer juros mais baixos.

CONVERSAS COM AUTORIDADES FRANCESES.

Clube de Paris

Quarta-feira, 5-2-92